

UMA PIADA INCOMUM

I

– E ESTA – DISSE JANE HELIER, concluindo a apresentação – é Miss Marple!

Por ser uma atriz, ela tinha habilidade para fazer suas colocações. Era, sem dúvida, o clímax, o gran finale! Seu tom era uma mistura uniforme de admiração reverente e de triunfo.

A parte esquisita daquilo era que o objeto ora proclamado de forma tão orgulhosa era apenas uma velha solteirona amável e curiosa. Nos olhares dos dois jovens que tinham acabado de conhecê-la, graças à mediação de Jane, havia incredulidade e um quê de assombro. Era um casal bonito: a garota, Charmian Stroud, morena e esbelta; o rapaz, Edward Rossiter, um enorme jovem louro e cordial.

Charmian disse um tanto esbaforida:

– Ah! Estamos muitíssimo satisfeitos em conhecê-la.

No entanto, havia dúvida em seus olhos.

Ela lançou uma olhada rápida e interrogativa para Jane Helier.

– Querida – disse Jane, respondendo à olhada –, ela é absolutamente *maravilhosa*. Deixe tudo com ela. Eu disse que a traria aqui e trouxe.

Ela acrescentou para Miss Marple:

– A senhora *vai* dar um jeito nisso para eles, eu sei. Será fácil para a *senhora*.

Miss Marple virou os serenos olhos azul-claros em direção ao sr. Rossiter.

– Não vai me dizer – questionou – o que é tudo isso?

– Jane é uma amiga nossa – Charmian irrompeu sem paciência. – Eu e Edward estamos numa situação complicada. Jane disse que se viéssemos à festa dela, nos apresentaria a alguém que era, que seria, que poderia...

Edward ajudou-a.

– Jane nos contou que a senhora era a melhor detetive que poderia existir, Miss Marple!

Os olhos da velha senhora cintilaram, mas ela contestou de forma modesta.

– Ah, não, não! Nada disso. O fato é que morando numa vila como a que eu moro, qualquer um aprende a conhecer muito a natureza humana. Mas, sem dúvida, vocês me deixaram bastante curiosa. Digam-me qual é a situação.

– Suspeito que seja muitíssimo comum... é apenas um tesouro escondido – respondeu Edward.

– Verdade? Isso parece muito interessante!

– Eu sei. É como *A ilha do tesouro*. Mas, no nosso caso, faltam as pitadas romanescas usuais. Não há nenhum ponto no mapa indicado por uma caveira e duas tíbias cruzadas, nenhuma instrução do tipo “quatro passos para a esquerda, oeste indo pelo norte.” É vago demais... indica apenas onde a gente deve cavar.

– Já fizeram alguma tentativa?

– Diria que cavamos cerca de dois sólidos acres completos! Todo o lugar está pronto para ser transformado numa horta comercial. Estamos apenas decidindo se plantaremos mudas de hortaliças ou batatas.

Charmian falou um tanto ríspida:

– Temos mesmo que contar a história toda?

– Mas é claro, minha querida.

– Neste caso, vamos achar um lugar mais calmo. Vamos, Edward.

Ela mostrou a saída do ambiente abarrotado de gente e cheio de fumaça, e eles subiram as escadas em direção a uma sala de estar pequena, no segundo andar.

Quando já estavam acomodados, Charmian começou de repente.

– Bem, aqui estamos. A história começa com o tio Mathew, ou melhor, nosso tio-bisavô. Ele era muito velho. Edward e eu éramos seus únicos parentes. Ele gostava da gente e sempre dizia que, quando morresse, deixaria o dinheiro para nós. Bem, ele morreu em março e deixou

tudo que tinha para ser dividido em partes iguais entre Edward e eu. O que acabei de contar pode parecer bastante insensível. Não quis passar a impressão de que estava esperando pela morte dele. Na verdade, gostávamos muito do tio. Mas ele estava doente fazia algum tempo. O fato é que “tudo” que ele deixou tornou-se quase nada. E isso, sendo muito sincera, foi um balde de água fria para nós, não foi, Edward?

O cordial Edward assentiu.

– Veja – ele disse –, nós contávamos um pouco com isso. Quero dizer, quando você fica sabendo que uma boa quantia de dinheiro lhe espera, você não... bem... você não se vira e corre atrás do prejuízo sozinho. Estou no exército, não ganho nada além do meu salário, e Charmian não tem um centavo. Ela trabalha como contrarregista numa companhia de teatro... é muito interessante e ela adora, mas não ganha dinheiro. Pensávamos em nos casar, mas não estávamos preocupados com a parte financeira disso, pois sabíamos que ficaríamos muito bem algum dia.

– E agora, veja, não temos nada! – lamentou-se Charmian. – Além do mais, Ansteys... esse é o nome da propriedade da família, que eu e Edward adoramos, provavelmente terá de ser vendida. Mas nós sabemos que não podemos permitir isso! No entanto, se não encontrarmos o dinheiro do tio Mathew, teremos de vendê-la.

Edward falou:

– Vamos, Charmian, ainda não chegamos à parte principal.

– Bem, então, fale você.

Edward virou-se para Miss Marple.

– Bom, ouça. Quanto mais o tio Mathew envelhecia, mais e mais desconfiado ficava. Ele não acreditava em ninguém.

– Muito inteligente da parte dele – avaliou Miss Marple. – A corrupção da natureza humana é inacreditável.

– Bem, a senhora deve estar certa. Seja como for, o tio Mathew pensava dessa forma. Ele teve um amigo que perdeu o dinheiro num banco, outro que foi arruinado por um advogado fugitivo, e ele próprio perdeu parte do dinheiro numa companhia fraudulenta. Ele ficou de um jeito que costumava repetir até a exaustão que a única coisa segura e racional a fazer era converter o dinheiro em ouro maciço e enterrá-lo.

– Ah – disse Miss Marple –, estou entendendo.

– Pois é. Alguns amigos argumentaram com ele, avisaram-no que, fazendo isso, ele não ganharia nenhum benefício, mas ele assegurou que isso não tinha a menor importância. A maior parte do dinheiro dele, dizia, deveria ser “guardada numa caixa embaixo da cama ou enterrada no jardim.” Essas foram as palavras dele.

Charmian deu seguimento:

– E quando ele morreu, não deixou quase nada em ações, embora fosse muito rico. Então pensamos que ele deve ter feito o que falou.

Edward explicou:

– Descobrimos que ele vendeu ações e foi acumulando quantias de dinheiro de tempos em tempos, mas ninguém sabe o que ele fez com o dinheiro. No entanto, parece provável que tenha cumprido sua palavra, comprado ouro e o enterrado.

– Ele não disse nada antes de morrer? Deixou algum documento? Alguma carta?

– Essa é a parte mais maluca da história. Ele não deixou nada. Ficou inconsciente por uns dias, mas despertou antes de morrer. Olhou para nós dois e deu uma risadinha, um riso tímido e fraco. Disse: “*Vocês ficarão bem, meu belo casal de pombinhos*”. Depois disso bateu de leve no olho, no olho direito, e piscou para nós. Em seguida morreu. Tio Mathew, pobre velho.

– Ele bateu de leve no olho – disse Miss Marple, pensativa.

Edward falou com ansiedade:

– Isso lhe sugere alguma coisa? Este detalhe me lembrou uma história de Arsène Lupin, em que havia algo escondido no olho de vidro de um homem. Mas o tio Mathew não tinha um olho de vidro.

Miss Marple mexeu a cabeça de forma negativa.